

## **Espectro autista na infância: dificuldades no processo de educação e interação social**

Lisa Gabrielle Patrício Da Silva <sup>(1)</sup>  
Rubens Gabriel Martins Rosa <sup>(2)</sup>  
Mayse Pereira Dal Col <sup>(3)</sup>

Data de submissão: 13/05/2022. Data de aprovação: 07/06/2022.

**Resumo** – O Transtorno do Espectro Autista trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizando-se de forma mais evidente a partir do segundo ano de vida. É uma revisão sistemática de literatura com caráter qualitativa e descritiva, com a finalidade de entender as dificuldades enfrentadas, no contexto educacional e de interação social, dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa fundamentou-se na busca de artigos científicos publicados em revistas e jornais da base de dados *Scientific Electronic Library Online*. Diante disso, a educação inclusiva é uma agregação de princípios e valores que visam uma educação integral eficiente e satisfatória para os estudantes, dirigindo-se a cada aluno analisando suas capacidades e necessidades para que a educação seja disponibilizada a todos de forma equitativa, impondo respeito as diferenças de cada indivíduo. A criança que não frequenta o ambiente escolar, apresenta dificuldades para o desenvolvimento, pois na escola existe a possibilidade de interações, amizades, brincadeiras e ação conjunta com os familiares. As dificuldades em aprendizado e interação social existem em diferentes níveis de gravidade e impacto na qualidade de vida e desenvolvimento humano desses pacientes. Cabe apontar a necessidade de estudos contínuos acerca do tema e investimentos em educação, haja vista o peso positivo do diagnóstico precoce e acompanhamento multidisciplinar dessas pessoas, ademais, o conhecimento do tema por parte da sociedade em geral e professores, traz facilidades para o dia dos portadores do TEA e ajuda no desenvolvimento social destas pessoas. **Palavras-chave:** Educação inclusiva. Interação social. Transtorno do Espectro Autista.

## **Autist spectrum in childhood: difficulties in the education process and social interaction**

**Abstract** – Autism Spectrum Disorder is a disorder of the

neurodevelopment, being more evident from the second year of life onwards. It is a systematic literature review with a qualitative and descriptive character, in order to understand the difficulties faced, in the educational and social interaction context, of individuals with Autism Spectrum Disorder. The research was based on the search for scientific articles published in magazines and newspapers in the *Scientific Electronic Library Online* database. In view of this, inclusive education is an aggregation of principles and values that aim at an efficient and satisfactory integral education for

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Medicina do ITPAC – Porto Nacional. lisa\_dom12@outlook.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8302148680992664>.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Medicina do ITPAC – Porto Nacional. drrubensgabriel@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1239390277234633>.

<sup>3</sup> Professora do curso de Medicina do ITPAC – Porto Nacional. Lattes: [http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=967E7AF924E57C3E187E4CDBCB1E8A9B.buscatextual\\_66](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=967E7AF924E57C3E187E4CDBCB1E8A9B.buscatextual_66).

students, addressing each student analyzing their abilities and needs so that education is made available to all in an equitable way, imposing respect. the differences of each individual. The child who does not attend the school environment presents difficulties for development, because at school there is the possibility of interactions, friendships, games and joint action with family members. Difficulties in learning and social interaction exist at different levels of severity and impact on the quality of life and human development of these patients. It is worth pointing out the need for continuous studies on the subject and investments in education, given the positive weight of early diagnosis and multidisciplinary follow-up of these people. people with ASD and help in the social development of these people.

**Keywords:** Inclusive education. Social interaction. Autism Spectrum Disorder.

## Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento, descrito pela primeira vez pelo psiquiatra Suíço Eugen Bleuler em 1911, mas que ganhou maior notoriedade em 1943 com o psiquiatra Leo Kanner, que começou abordar em suas pesquisas algumas características importantes do Autismo (SANTOS; VIEIRA, 2017).

Presente desde a infância, o TEA afeta as dimensões sociocomunicativa e comportamental, caracterizando-se de forma mais evidente a partir do segundo ano de vida. Inicialmente, observa-se atraso no desenvolvimento da fala, dificuldade na interação social, irritabilidade em locais muito cheios e barulhentos e padrão de comportamento estereotipado e repetitivo (OCTÁVIO *et al.*, 2019; CUNHA *et al.*, 2021).

As etiologias deste transtorno ainda não são conhecidas, no entanto sabe-se que pode estar relacionado com irregularidades em variadas áreas do encéfalo, podendo ser genético/hereditário ou não, por infecções ou uso de drogas/medicamentos durante a gestação (SILVA, 2020).

É primordial realizar uma abordagem precoce nas crianças com TEA, pois contribui para o desenvolvimento dos pacientes e auxilia no processo de aceitação e nas dificuldades enfrentadas pelos familiares. Desse modo, dependendo de suas particularidades é escolhido a intervenção ideal para cada paciente com o transtorno, podendo ser isolada ou em grupo, envolvendo uma abordagem psicológica, educacional e médica (SILVA, 2020).

O estudante autista revela dificuldades em conviver em grupo, principalmente no meio escolar sendo tratados inadequadamente e vítimas de preconceito. Contudo, o ensino nas escolas inclusivas deve ser abordado de forma individual e em grupo, favorecendo a socialização dos alunos para que aprendam em conjunto e ao mesmo tempo consigam abordar as necessidades individuais (COELHO, 2021).

Diante disso, o método TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped*) é um dos mais aplicados na educação de indivíduos com autismo. Esse programa é fundamentado na análise contínua de habilidades, cooperação dos pais, diálogo, ensino da associação causa-efeito, ter o máximo de autonomia e criatividade para que possam ser visualizadas como indivíduos comuns e sociáveis (DIAS, 2019).

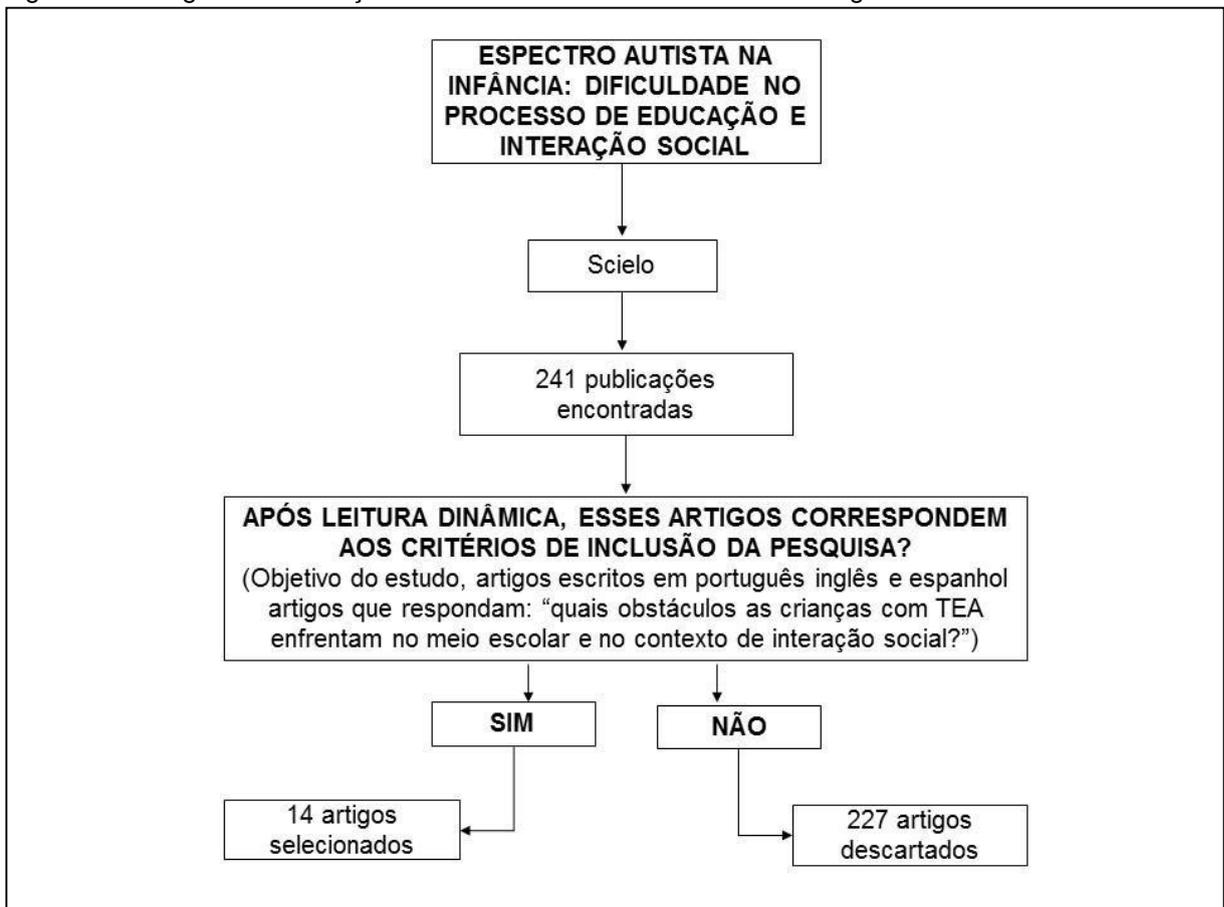
Dessa maneira, o presente artigo tem como objetivo desenvolver uma investigação, a partir de estudos realizados, para entender as dificuldades enfrentadas dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista em relação a interação social e aprendizagem.

## Material e Métodos

Este artigo trata-se de uma revisão sistemática de literatura com caráter qualitativa e descritiva. Desse modo, teve a finalidade de entender as dificuldades enfrentadas, no contexto educacional e de interação social, dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa foi fundamentada na busca de artigos científicos publicados em revistas e jornais encontrados na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) no período de 2017 a 2022. Os Descritores em Ciências da Saúde utilizados foram: Educação inclusiva. Interação social. Transtorno do Espectro Autista.

Primeiramente foram visualizadas 241 publicações e a partir delas foram selecionados 14 artigos para serem analisados e utilizados na construção desta pesquisa (Figura 1). Essa seleção foi realizada a partir de algumas etapas, como: Elaboração da pergunta norteadora “quais obstáculos as crianças com TEA enfrentam no meio escolar e no contexto de interação social?”; busca diversificada de artigos, com leitura de resumos e títulos, e posteriormente leitura completa e análise crítica. Os critérios de inclusão para escolha dos artigos são: objetivo da pesquisa, artigos escritos em português, inglês e espanhol, artigos que respondam à pergunta norteadora; os critérios de exclusão são: aquelas publicações que não são da base de dados Scielo e ano de publicação anterior a 2017.

Figura 1- Fluxograma de seleção dos 14 estudos utilizados no atual artigo



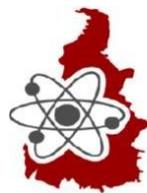
Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

## Resultados e Discussão

A tabela 1 expõem as publicações escolhidas para estruturação da discussão, segundo autor, título, ano de publicação, periódico, base de dados, objetivos e principais resultados.

Tabela 1 – Artigos selecionados para análise de informações e realização da revisão

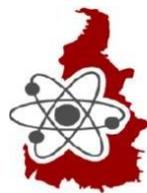
<b>Autores/ Título/ Ano</b>	<b>Periódico/ Base de dados</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Principais Resultados</b>
<p>ARAÚJO, G. S.; SEABRA, M. O./ Elementos fundamentais para o design de jogos digitais com o foco no treino de competências e habilidades de estudantes com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática./ 2021.</p>	<p>Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. / Scielo</p>	<p>Identificar e analisar os elementos fundamentais, apontados pela literatura nacional e internacional, para o <i>design</i> de jogos digitais com o foco no treino de competências e na aquisição de novas habilidades por estudantes com autismo.</p>	<p>Concluiu-se que a mera inserção de jogos digitais na vida de estudantes com autismo não é suficiente para oportunizar o treino de competências e a aquisição de novas habilidades, necessárias à sua inclusão educacional e social, mais do que isso, é preciso planejar jogos na perspectiva do <i>codesign</i>, considerando as especificidades e as características universais do autismo.</p>
<p>CAMARGO, S. P. H. <i>et al.</i> / Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. / 2020.</p>	<p>Educação em Revista [online]./ Scielo</p>	<p>investigar as principais dificuldades, os desafios e as barreiras diárias enfrentados por professores de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em situação de inclusão na escola comum.</p>	<p>Os resultados apontam para a necessidade de fornecer atividades de formação continuada que sejam menos gerais e mais focadas nas necessidades dos professores, sobretudo quanto aos aspectos comportamentais (como lidar) e pedagógicos (como ensinar e avaliar) para, assim, criar condições favoráveis à aprendizagem e ao desenvolvimento dos alunos com TEA no ambiente inclusivo.</p>
<p>CHICON, J. F. <i>et al.</i>/ Brincando e aprendendo: aspectos relacionais da criança com autismo./ 2019.</p>	<p>Revista Brasileira de Ciências do Esporte./ Scielo</p>	<p>Compreender os aspectos relacionais de uma criança com autismo na relação com outras crianças em situações de brincadeiras.</p>	<p>A pesquisa permite constatar que o trabalho desenvolvido em ambiente social inclusivo, potencializado pela ação mediadora dos adultos e colegas mais experientes, favorece que as crianças com autismo apresentem atitudes que apontam sua predisposição para compartilhar brincadeiras com os colegas.</p>
<p>DILLEGGI, E. S.; SANTOS, P. L.; SCORSOLINI-COMIN, F. / Associations between family environment resources and mental health problems in children. / 2022.</p>	<p>Jornal Brasileiro de Psiquiatria [online]./ Scielo</p>	<p>Identificar quais recursos (atividades, passeios em família, brinquedos, elementos materiais e aprendizagem) eram oferecidos no cotidiano de crianças com transtorno mental e, a partir disso, verificar se a oferta desses recursos na família estava</p>	<p>A partir de uma análise descritiva e correlacional, revelou-se que quanto mais os problemas de saúde mental estavam presentes nas crianças, menor a oferta de recursos familiares.</p>



		associada com áreas de maior dano em relação aos problemas de saúde mental.	
FERNANDES, C. S.; TOMAZELLI, J.; GIRIANELLI, V. R./ Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas./ 2020.	Psicologia USP./ Scielo	Analisar a evolução do diagnóstico do autismo no século XXI, a partir dos domínios e subdomínios em que se baseiam em categorizações nas nossas categorizações.	Compreender a evolução dos diagnósticos tende a promover o desenvolvimento da clínica, potencializando o diagnóstico e como efeitos antecipados para um melhor prognóstico.
FOLHA, D. R. S. C.; BARBA, P. C. S. D. / Classificação da participação de crianças em ocupações nos contextos escolares na perspectiva da terapia ocupacional. / 2022.	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional [online]./ Scielo	Analisar formas de participação infantil em ocupações nos contextos escolares e propor critérios para classificação dessa participação, na perspectiva da terapia ocupacional.	Consideram-se os resultados relevantes para a identificação precoce de facilitadores e barreiras para a participação, bem como para o adequado provimento de condições e intervenções que potencializem a participação de todas as crianças nos ambientes escolares e para o fortalecimento e ampliação da atuação dos terapeutas ocupacionais nestes.
GOIS, t.; <i>et al.</i> / Risk identification for autistic spectrum disorder in preschool children: design and validation of a screening instrument./ 2022	In <i>SciELO Preprints.</i> / Scielo	Verificar a evidência de validade de conteúdo de um instrumento para identificação de sinais para o TEA no contexto educacional.	A investigação da literatura permitiu a construção da primeira versão do instrumento composta por duas categorias: Comunicação social e Interação social e Padrões de comportamento. Na etapa de análise das questões por juízes, os índices IVC e IVC-I evidenciaram alta concordância entre os especialistas. Contudo, houve necessidade de ajuste de alguns itens, sendo proposta uma segunda versão. A etapa de análise por membros da população alvo revelou que a grande maioria dos itens eram compreendidos pelos avaliadores, havendo necessidade de alguns ajustes, que culminaram na elaboração da terceira versão. Por fim, a análise da terceira versão do instrumento por duas especialistas e pelo grupo de professores da educação infantil indicaram necessidade de mudanças, resultando na quarta versão do instrumento.
JIA, W.; XIE, J./ Improvement of the health of people with autism spectrum disorder by exercise./ 2021.	Revista Brasileira de Medicina do Esporte [online]./ Scielo	Este artigo realiza intervenção de exercícios em crianças com TEA para estimular sua capacidade de exercício e melhorar	As habilidades motoras dos dois grupos de crianças foram diferentes após a intervenção. As habilidades motoras do grupo experimental melhoraram de forma mais significativa



		sua capacidade de autocuidado.	
LEMOS SHAW, G. S.; LEANDRO, L.; ROCHA-OLIVEIRA, R./ Discutindo mitos e verdades sobre o autismo: contribuições de uma palestra para compreensão do espectro autista./ 2021.	Rev. estud. exp. educ./ Scielo	Investigar a efetividade de uma palestra sobre o Transtorno do Espectro Autista, realizada no Hospital Zilda Arns, município de Curitiba, Paraná	Os resultados indicam uma visão positiva do envolvimento de profissionais de diversas áreas na atividade e de seus relatos sobre os impactos da mesma na modificação de suas percepções sobre autismo. Observou-se a ausência de contato da maioria dos profissionais com pessoas com autismo e a necessidade de ações para informar e discutir sobre essa temática.
MARTINS, A. D. F.; MONTEIRO, M. I. B./ Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico./ 2017.	Psicologia Escolar e Educacional./ Scielo	problematizar as interações sociais que envolvem a criança autista no contexto pedagógico de uma instituição voltada ao Transtorno do Espectro do Autismo.	As discussões e elaboração do material tiveram como base a análise microgenética, constatando possibilidades de desenvolvimento e aprendizado dos alunos autistas nas relações estabelecidas nesse contexto, aspecto que remete a discussão sobre as práticas utilizadas no tratamento desse transtorno que não favorecem as interações sociais.
NASCIMENTO, I. B.; BITENCOURT, C. R.; FLEIG, R./ Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas./ 2021.	Jornal Brasileiro de Psiquiatria [online]./ Scielo	Identificar os fatores que dificultam as intervenções terapêuticas motoras em crianças com transtorno do espectro autista.	Dezesseis artigos científicos foram incluídos na análise de síntese qualitativa sobre estratégias para interação social e motora em pacientes com transtorno do espectro autista. Quatorze artigos científicos alcançaram pontuações aceitáveis na escala de Downs e Black, e três ensaios clínicos indicaram domínios satisfatórios. Pessoas com transtorno do espectro autista apresentaram percentuais acima de 30%, com dificuldades de comportamentos sociáveis, de aprendizagem e de comunicação. O diagnóstico adequado e a preconização de um plano de tratamento para o desenvolvimento da motricidade são estratégias fundamentais e de ordem prioritária, uma vez que possibilitarão uma análise quantitativa ao longo da vida do autista, assim como proporcionarão uma maior viabilidade de análise das habilidades cognitivas.
TREVIZAN, Z.; PESSOA, A. S. G. Psiquismo, linguagem e autismo: contribuições da semiótica nos	Educar em Revista. / Scielo	Apresentar um estudo de caso que evidencia o modo de funcionamento do pensamento e da linguagem de um menino com TEA, apontando como	Os resultados apontam que a relação do autista com o mundo é mais complexa, por ser mais direta do que mediada, gerando, portanto, transtornos de linguagem e, conseqüentemente, de comunicação e de interação social. Esses transtornos podem ser



contextos educativos./ 2018.		possíveis mediações foram incluídas nos contextos educativos dessa criança.	amenizados por processos culturais de materialização dos significados dos signos, inscritos nos discursos dos seus interlocutores.
VINEVSKAYA, A.; BURSHIT, I.; LOPATFCIN, E./ Remedial Work Assessment to Prepare an Autistic Child for School./ 2021.	Rev. colomb. Educ. / Scielo	Determinar a eficácia das interações com uma criança autista como resultado do trabalho corretivo durante o período pré-escolar.	Os resultados obtidos confirmam a eficácia das interações dentro da tríade após o trabalho corretivo, pois foi observada uma dinâmica em 40,54% de todas as habilidades parcialmente desenvolvidas.
WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S.; ZANON, R. B./ Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes./ 2020.	Psicologia Escolar e Educacional [online]./ Scielo	investigar a experiência de professores em relação à inclusão de alunos com TEA, contemplando sentimentos e práticas docentes.	Evidenciou-se que os primeiros sentimentos que emergiram nos professores foram o medo e a insegurança. Após o período de adaptação, esses sentimentos modificaram-se, transformando-se em segurança no seu trabalho. Com relação à prática pedagógica, foi verificado que os docentes realizaram adequações pedagógicas de acordo com as características de cada aluno.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

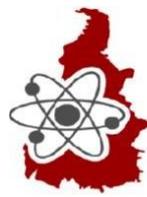
#### • AUTISMO E INTERAÇÃO SOCIAL

O DSM-5 e a CID-11 classificam o autismo como parte de um espectro ou categoria, com variabilidade em níveis de gravidade. Ambos nomeiam o autismo como Transtorno do Espectro Autista. A CID-11 classifica a gravidade de acordo com a disfunção intelectual e a linguagem funcional (FERNANDES; TOMAZELLI; GIRIANELLI, 2020).

Os estudos contemporâneos sobre o TEA buscam encontrar justificativas fisiológicas nos campos da neurociência e da genética. Embora haja empenho nessa busca, ainda não existe qualquer fator isolado que origine o transtorno. Nesse caso, as principais explicações advêm das teorias afetivas, cognitivas e comportamentais. Destas a que mais se destaca é a psicanálise, porém ainda há divergências sobre a compreensão da estrutura psíquicas. A teoria de Frances Tustin e Margaret Mahler abordam a presença de uma fase no desenvolvimento do bebê, chamada Fase Autística Normal, na qual o bebê cria uma membrana psíquica para proteger-se do excesso de estímulos e da angústia gerada por esses. Ao longo do processo de desenvolvimento, o bebê vai se adaptando melhor à realidade, a partir do vínculo estabelecido com a mãe, mas falhas nesse vínculo podem gerar uma estagnação nesse processo, gerando o autismo patológico (MARTINS; MONTEIRO, 2017).

Atualmente, encontra-se variadas sintomatologias que perpassam desde um comprometimento grave no desenvolvimento (ausência de fala, dificuldade exacerbada na interação, até entre parentes, hiperatividade, auto e heteroagressividade, etc.) até quadros considerados mais amenos (dificuldades na interação social e comunicação, porém há demonstração de afeto aos familiares e a parte cognitiva está preservada, etc.) tal espectro traz certa dificuldade ao diagnóstico (MARTINS; MONTEIRO, 2017; TREVIZAN; PESSOA, 2018).

A característica central do TEA é a dificuldade em estabelecer relacionamentos interpessoais, tal caractere impere no cenário histórico-cultural como imprescindível



para o desenvolvimento do sujeito. Em vista disso, e discordando de outras óticas teóricas, Vigotski propõe fundamentalmente em seus estudos a importância de investimento nas possibilidades de interação social, visando superar possíveis barreiras no relacionamento com outros integrantes do corpo social (MARTINS; MONTEIRO, 2017).

Com base nisso, segundo Trevizan e Pessoa (2018), verifica-se mudanças nas práticas de inclusão de portadores de TEA: A lei 12.764, desde 2014, obriga unidades de ensino superior a terem um maior comprometimento na identificação de alunos com TEA e oferecer suporte necessário para suas necessidades intelectuais, emocionais e comportamentais.

Em contrapartida, Araújo e Seabra (2021) apontam que o dia a dia no que tange o contexto educacional de estudantes com TEA precisa ser repensado quanto à metodologia de inclusão, é necessário elaborar e utilizar artifícios pedagógicos que abarcam as especificidades e produzam a inclusão escolar de tal público. Necessita-se que as instituições de ensino tomem ciência de meios para fazer-se uma comunidade inclusiva e, de tal forma, manter de maneira concreta ações que possibilitem acessibilidade e usabilidade no que se refere a produtos e atividades ofertados por tais escolas.

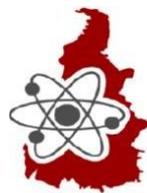
Em concordância, Chicon *et al.*, (2019) apontam em suas pesquisas que se tratando do contexto escolar, crianças com autismo representam um desafio aos educadores, os quais precisam encontrar maneiras práticas e propícias de oferecer educação de qualidade para tais crianças. As principais dificuldades apontadas, referem-se à incompreensão, por parte do professor, sobre o que a criança pensa e sente, descobrir suas preferências e desejos, o significado do que ocorre a sua volta na escola, e, com base nisso, conseguir que tais crianças participem ativamente da comunidade escolar, que possam inserir-se nas dinâmicas relações com outras crianças e com adultos, além de conseguirem se apropriar dos conteúdos ensinados.

Positivamente, os autores Araújo e Seabra (2021), conforme encontrado em suas pesquisas, indicam que a quantidade de alunos com TEA matriculados no ensino regular tem se elevado hodiernamente, causando um movimento de atualização entre gestores educacionais e professores, em busca constante de melhorar suas formações e oferecer maior grau de qualidade de serviço, especialização e conhecimento para intervir nas variáveis de comunicação, comportamento e interação desses estudantes.

Ademais, de acordo com as pesquisas de Chicon *et al.*, (2019) existem componentes essenciais para o desenvolvimento da criança, entre eles está o brincar. Brincadeiras exigem atuação do lado imaginário da criança e também o desenvolvimento e respeito às regras. Com base nisso, o ato simbólico de brincar reflete características essenciais para a inclusão na sociedade e o seguimento de padrões e regras sociais, por meio da brincadeira a criança com TEA é ensinada a ser consciente quanto as próprias ações, além de poder satisfazer desejos e vontades no plano simbólico da brincadeira. Brincar exige autorregulação, determinação e autocontrole, de maneira que, de forma simples e divertida, a criança põe em prática habilidades determinadas que possibilitam e facilitam a inclusão social.

#### • AUTISMO E O PROCESSO DE EDUCAÇÃO

A Constituição Federal Brasileira de 1988, prevê igualdade na educação infantil, assim como, no Estatuto da Criança e do Adolescente que reivindica a segurança no ensino regular de crianças com deficiência, que precisam de uma atenção



especializada. Porém, existem vários obstáculos a serem combatidos em relação a inclusão escolar, no qual a maior parte dos docentes não são qualificados para resolver as necessidades dessa inclusão (CAMARGO *et al.*, 2020).

Os autores Meza e Miranda (2022) afirmam que a educação inclusiva é uma agregação de princípios e valores que visam uma educação integral eficiente e satisfatória para os estudantes, dirigindo-se a cada aluno, analisando suas capacidades e necessidades para que a educação seja disponibilizada a todos de forma equitativa, impondo respeito as diferenças de cada indivíduo.

A criança que não frequenta o ambiente escolar, apresenta dificuldades para o desenvolvimento, pois na escola existe a possibilidade de interações, amizades, brincadeiras e ação conjunta com os familiares (DILLEGGI; SANTOS; SCORSOLINI-COMIN, 2022).

Vinevskcaya, Burshit e Lopatfcin (2021) demonstram que as particularidades psíquicas, pedagógicas do estudante autista e as suas aptidões cognitivas são insuficientes e seu conhecimento e competências escolares não equivalem a sua faixa etária. Geralmente apresenta-se irritável, choroso, com falas repetidas do cotidiano e atenção instável de fácil distração.

Diante disso, Camargo *et al.*, (2020) afirmam que as crianças com TEA possuem suas particularidades, e o processo de educação precisa de adequações indo contra ao método tradicional de educação. Os professores devem ter a capacidade de manejar os desafios comportamentais desses alunos, mas o que se percebe é um sentimento de frustração e impotência pela falta de habilidades, insumos e conhecimentos que acaba prejudicando a autoconfiança em educar.

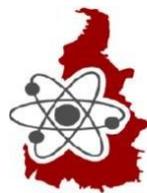
Nesse sentido, é evidente a necessidade de qualificação e disponibilidade de recursos específicos para os educadores. Muitos professores acreditam que resolver as necessidades do aluno autista é propor uma grade curricular diferenciada dos outros estudantes, no entanto, deve-se somente realizar adaptações mais didáticas como melhorar as formas de dialogar, ensinar e examinar, não havendo a necessidade de mudar o currículo (CAMARGO *et al.*, 2020).

Por outro lado, de acordo com Weizenmann, Pezzi e Zanon (2020), alguns educadores relacionam a escola somente como um meio de interação social e esquecem que os infantes com TEA também devem aprender, evidenciado pelo despreparo em atuar com essas crianças.

Para exemplificar a falta de conhecimento sobre o TEA, Lemos Shaw, Leandro e Rocha-Oliveira (2021) mostraram um estudo realizado em São Paulo, com oitenta e cinco alunos que estavam finalizando o curso de psicologia, de cinco faculdades públicas e particulares. Com isso, perceberam que a maior parte os universitários apresentavam informações sobre TEA pouco suficiente, os maiores erros foram relacionados a questões especializadas ao TEA. Desse modo, foi possível que os acadêmicos reformulassem suas concepções errôneas sobre o TEA.

Por outro lado, Jia e Xie (2021) afirmam que existem várias metodologias para abordagem de crianças com autismo, sendo elas: musicoterapia, terapia farmacológica, análise comportamental aplicada, intervenção esportiva, entre outros.

Nascimento, Bitencourt e Fleig (2021) citam em seu estudo o Programa de Atenção aos Transtorno do Espectro (PAED), o qual avalia a funcionalidade de pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Assim, foi realizada uma pesquisa com esse programa em uma escola de ensino fundamental no ano de 2014, em que verificaram que 48% dos pesquisados não demonstrava as informações aprendidas, 32% eram insociáveis e 31,4% apresentavam problemas na comunicação.



Para complementar, Vinevskaya, Burshit e Lopatfcin (2021) demonstraram o trabalho corretivo que tem como função habilitar o autista para a escola, caracterizado pelas necessidades educativas especiais. É um programa que aborda a criança individualmente de acordo com suas necessidades dando assistência e orientações. Existe a preparação pré-escolar das crianças em que desenvolverão suas habilidades e personalidades, cognição e interação social; ademais, as formas para interações com os pais podem ser através de diálogos, notícias de jornais, artigos, livros, filmes e brincadeiras em casa. A instalação desses métodos, com a tríade- pais, criança e escola- pode evitar ou reduzir exteriorizações de automutilação, histeria e insônias.

Contudo, a família tem o papel de ofertar para a criança diferentes possibilidades e vivências que impulsionem o desenvolvimento infantil. Isso pode ser possível através da interação positiva ou negativa da família com o infante, pelos diversos afazeres executados em casa ou na rua como os passeios, além de brinquedos e brincadeiras. Desse modo, se existe um ambiente familiar acolhedor com muitos estímulos associado a escola e amigos, isso favorece um crescimento saudável (DILLEGGI; SANTOS; SCORSOLINI-COMIN, 2022).

As crianças que dispõem de restrições a recursos em sua própria casa, estão propensas a terem maiores dificuldades de adaptações e problemas relacionados a saúde. Além disso, foi observado que existe uma diferença na oferta de insumos dos pais e familiares de acordo com seu nível econômico, escolaridade e característica comportamental do infante, concluindo que uma família de vida estável disponibilizará mais materiais que estimulem o aprendizado e o desenvolvimento neuropsicomotor (DILLEGGI; SANTOS; SCORSOLINI-COMIN, 2022).

Folha e Barba (2022) citaram a importância da Terapeuta Ocupacional no contexto educação inclusiva utilizando salas de instrumentos multifuncionais. Na escola as crianças executam várias tarefas direcionadas para o brincar, aprender assuntos da escola, e o autocuidado, o qual auxilia no desenvolvimento motor, psíquico, social, ocupacional e emocional de cada criança. Com isso, neste sentido o terapeuta consegue visualizar as possibilidades e os obstáculos para a interação infantil na escola.

Em concordância ao citado, Gois *et al.* (2022) comentam em sua pesquisa sobre os terapeutas ocupacionais que em geral objetivam estudar as atividades de vida diária e atividades instrumentais de vida diária, brincadeiras, aprendizado, prazer e interação social. Quando se relacionada a educação das crianças, esse profissional de a capacidade de analisar e interferir no desempenho e autonomia do estudante no meio escolar.

Dilleggi, Santos e Scorsolini-Comin (2022) revelam em seus estudos, a incidência de crianças com transtornos mentais, e perceberam que no Brasil essa incidência varia de 19-29,7% e no mundo varia de 13,4-25%. Dessa forma, indica a importância da realização de pesquisas para melhor entendimento sobre o assunto e as formas de prevenção em saúde mental infantil.

## **Conclusão**

Com base nos aspectos citados em nossa pesquisa é possível afirmar que existem diferentes e plurais fatores que envolvem o TEA e a vida de quem os possui. As dificuldades em aprendizado e interação social existem em diferentes níveis de gravidade e impacto na qualidade de vida e desenvolvimento humano desses pacientes. Cabe apontar a necessidade de estudos contínuos acerca do tema e investimentos em educação, haja vista o peso positivo do diagnóstico precoce e

acompanhamento multidisciplinar dessas pessoas, ademais, o conhecimento do tema por parte da sociedade em geral e professores, traz facilidades para o dia dos portadores do TEA e ajuda no desenvolvimento social destas pessoas.

## Referências

ARAÚJO, G. S.; SEABRA, M. O. Elementos fundamentais para o design de jogos digitais com o foco no treino de competências e habilidades de estudantes com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, p. 120-147, 2021.

CAMARGO, S. P. H. *et al.* Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em Revista [online]**. v. 36, p.e214220, 2020.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/6vvZKMSMczy9w5fDqfN65hd/?lang=pt#>. Acesso em: 21 abr. 2022. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/0102-4698214220>

CHICON, J. F. *et al.* Brincando e aprendendo: aspectos relacionais da criança com autismo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, p. 169-175, 2019.

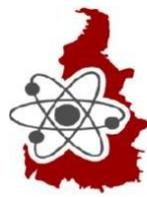
COELHO, L. S. Transtorno do espectro do autismo: inclusão escolar. 2021. 33 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2021. Orientado pelo Prof. Me. Célio Vieira Nogueira.

CUNHA, P. R. *et al.* **Transtorno Do Espectro Autista: principais formas de tratamento**, 2021. Trabalho de Curso apresentado à Faculdade UNA de Catalão – UNACAT, como requisito parcial para a integralização do curso de PSICOLOGIA, sob orientação da professora CAMILLA CARNEIRO SILVA QUEIJA. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/17252/1/Transtorno%20do%20espectro%20autista%20principais%20formas%20de%20tratamento.pdf>. Acesso em: 28 Mar. 2022.

DIAS, R. I. R. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. **EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, v. 7, n.9, p. 123-130, 2019. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/10745>. Acesso em: 28 Mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.30612/eadtde.v7i9.10745>.

DILLEGGI, E. S.; SANTOS, P. L.; SCORSOLINI-COMIN, F. Associations between family environment resources and mental health problems in children. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria [online]**. v. 71, n. 1, pp. 32-39, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/VTDYdSxsHJXsLwB4YXfWCGx/?lang=en#>. Acesso em: 02 mai. 2022. ISSN 1982-0208. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000359>.

FERNANDES, C. S.; TOMAZELLI, J.; GIRIANELLI, V. R. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia USP**, v. 31, 2020.



FOLHA, D. R. S. C.; BARBA, P. C. S. D. Classificação da participação de crianças em ocupações nos contextos escolares na perspectiva da terapia ocupacional. Este artigo compõe a Tese de Doutorado “Perspectiva ocupacional da participação de crianças na educação infantil e implicações para a Terapia Ocupacional”, do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional (PPGTO/DTO/UFSCar). **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional [online]**. v. 30, p.e2907, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/HqGVzqSLKZNtyprnfMXFGcz/?lang=pt#>. Acesso em: 07 mai. 2022. ISSN 2526-8910. DOI: <https://doi.org/10.1590/25268910.ctoAO21962907>.

GOIS, t.; *et al.* Risk identification for autistic spectrum disorder in preschool children: design and validation of a screening instrument. In **SciELO Preprints**. 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3500>. Acesso em: 01 mai. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3500>.

JIA, W.; XIE, J. Improvement of the health of people with autism spectrum disorder by exercise **Revista Brasileira de Medicina do Esporte [online]**. V.27, n.3, p.282-285, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/F8D9ndfYxnHmSvr6KwwNdbt/?lang=en#>. Acesso em: 29 abr. 2022. ISSN 1806-9940. DOI: [https://doi.org/10.1590/1517-8692202127032021\\_0081](https://doi.org/10.1590/1517-8692202127032021_0081)

LEMOS SHAW, G. S.; LEANDRO, L.; ROCHA-OLIVEIRA, R. Discutindo mitos e verdades sobre o autismo: contribuições de uma palestra para compreensão do transtorno do espectro autista. **Rev. estud. exp. educ.**, Concepción, v.20, n.43, p.17-33, abr. 2021. Disponível em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S071851622021000200017&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071851622021000200017&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 01 mai. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.21703/rexe.20212043soares1>.

MARTINS, A. D. F.; MONTEIRO, M. I. B. Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.21, p.215-224, 2017.

MEZA, C. A. MIRANDA, A. M. El interés superior en la trayectoria educativa de los niños, niñas y adolescentes con trastorno del espectro autista en Chile. **Revista Direito GV [online]**. v.18, n.1, p.e2207, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/MZqpfQdgmMFDzcDTLJT3SyJ/?lang=es#>. Acesso em: 21 abr. 2022. ISSN 2317-6172. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6172202207>.

NASCIMENTO, I. B.; BITENCOURT, C. R.; FLEIG, R. Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria [online]**. v. 70, n. 2, p. 179-187, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/DQNzt7JYrHxTkrV7kqkFXyS/?lang=pt#>. Acesso em: 01 mai. 2022. ISSN 1982-0208. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000326>.

OCTÁVIO, M. A. J. *et al.* A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na educação infantil. **Research, Society and Development**, Universidade Federal de Itajubá, Brasil. v.8, n.1, 2019. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=560662192028>. Acesso em: 28 Mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i1.635>.

SANTOS, R. K.; VIEIRA, A. M. E. C. S. **Transtorno Do Espectro Do Autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional**, 2017. Disponível em: <https://www.coursehero.com/file/72903241/7413-Texto-do-artigo-36767-1-1020171011pdf/>. Acesso em: 28 Mar. 2022. ISSN 2359-5566.

SILVA, E. N. Autismo: uma revisão integrativa. **Revista Científica UMC**, v. 5, n. 3, 2020. Disponível em: <http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/1474>. Acesso em: 28 Mar. 2022.

TREVIZAN, Z.; PESSOA, A. S. G. Psiquismo, linguagem e autismo: contribuições da semiótica nos contextos educativos. **Educar em Revista**, v.34, p.241-258, 2018.

VINEVSKAYA, A.; BURSHIT, I.; LOPATFCIN, E. Remedial Work Assessment to Prepare an Autistic Child for School. **Rev. colomb. educ.**, Bogotá, n. 81, p. 123-145, 2021. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-39162021000100123&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-39162021000100123&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 01 Mai. 2022. DOI: <https://doi.org/10.17227/rce.num81-10521>.

WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S.; ZANON, R. B. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. **Psicologia Escolar e Educacional [online]**. v. 24, p.e217841, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF/?lang=pt#>. Acesso em: 21 abr. 2022. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/2175-35392020217841>.